

RESENHA

CORCUFF, Philippe. *As Novas Sociologias: construções da realidade social.* São Paulo: Edusc, 2001.

O livro tem como objetivo apresentar um mapa das chamadas sociologias construtivistas, que propõem um novo movimento epistemológico nas ciências sociais, rompendo com concepções unilaterais de investigação sociológica, que ora privilegiam agência, ora estrutura. Apresentado em cinco capítulos, abrange algumas referências teóricas que mostram alternativas às visões dicotômicas, oriundas do pensamento filosófico, caracterizando-se como novas concepções da compreensão do mundo social, que apostam no construtivismo metodológico.

O movimento apresentado por Corcuff ao longo do livro segue um percurso lógico bastante interessante. Os autores escolhidos representam movimentos diferenciados, indo das estruturas, passando pelas interações face a face, percorrendo categorias de análise e apresentando novas formas de entendimento do sujeito. Cada capítulo apresenta um conjunto de argumentações, limitações e críticas às teorias apresentadas, constituindo-se em um exercício que se revela bastante útil principalmente a estudantes de graduação, ou iniciantes no estudo da Sociologia.

O primeiro capítulo, de caráter introdutório, apresenta uma série de pares de opostos e as teorias que os representam. Tais pares como por exemplo: material/ideal, sujeito/objeto, coletivo/ individual são utilizados como referências de pensamento para a compreensão do mundo social,. A *galáxia construtivista*, apresentada no livro, dedica-se a construir uma sociologia, sobretudo, reflexiva, que permita compreender os pares expostos acima, especialmente àqueles referentes ao dueto indivíduo/sociedade, de maneira relacional. Ao apresentar a construção de algumas

dessas dicotomias o texto perpassa o pensamento de autores da sociologia clássica tais como Durkheim, Marx e a herança oriunda da filosofia política.

O capítulo 2 intitulado *Das estruturas sociais às interações* propõe a reflexão sobre algumas teorias que, apesar de ainda concederem maior peso as estruturas, orientam suas pesquisas de maneira relacional. O autor se debruça largamente sobre os trabalhos de Norbert Elias, Pierre Bourdieu e Anthony Giddens e de maneira bastante resumida faz referências a Claude Grignon e Jean-Claude Passeron. Cita ainda Michel Dobry e sua teoria da sociologia das crises políticas. As críticas são direcionadas ao peso concedido as estruturas em suas análises. Por mais que procurem relacionar indivíduo/sociedade e atenuar essa dicotomia, ainda privilegiam um em detrimento do outro.

O capítulo 3 tem o objetivo de apresentar um conjunto de teorias que concedem maior peso aos sujeitos do que as estruturas, fazendo a balança tombar para o lado do indivíduo. O sociólogo Jeffrey Alexander em artigo intitulado *Novo Movimento Teórico* (ALEXANDER, 1987) utiliza-se da metáfora do pêndulo com o intuito de refletir acerca das idas e vindas das teorias sociológicas, que ora pendem para o lado das estruturas, ora pendem para o lado da agência. Seguindo nessa linha, alguns autores de cunho interacionista são indicados por Corcuff como exemplos de construtivismo sociológico. A etnometodologia aparece como perspectiva metodológica de investigação que diferentemente de outros movimentos preocupa-se com a construção da subjetividade e dos processos de reflexão. Harold Garfinkel é considerado o precursor deste movimento, porém sua obra não foi tão analisada por Corcuff, como o trabalho desenvolvido por Harvey Sacks e Emmanuel Schegloff. Cicourel e sua "sociologia cognitiva", de viés argumentativo, também são aqui citados como referências importantes.

O capítulo 4 procura apresentar algumas concepções teóricas relativas à construção social da realidade, no que se refere à busca de categorias envolvidas na investigação de agrupamentos humanos. Thompson, Eric Hobsbawm e o sociólogo Charles Tilly são citados por promoverem um debate acerca de categorias criadas para a análise de grupos. Classes sociais, por exemplo, são entendidas como construções históricas e culturais, não meramente dependentes de uma estrutura econômica ou modo-de-produção. Luc Boltanski, William L. Felstiner, Richard L. Abel, Austin Sarat e Laurent Thévenot são citados pelos trabalhos que desenvolvem nesta mesma linha. Philippe Corcuff continua trazendo alguns autores, que de alguma maneira propõem alternativas à categorização dura nas pesquisas que envolvem grupos sociais. Ao optar pela quantidade de referências, sem o aprofundamento de nenhum dos estudos, Corcuff compromete a qualidade de algumas análises, trazendo dificuldade para o entendimento de alguns desdobramentos dessas pesquisas.

O capítulo 5 se debruça sobre os autores que concebem os indivíduos como plurais, dotados de diversos referenciais, diferentes formas de interação e acima de tudo diversos espaços de atuação, o que resulta numa concepção de identidade bastante flexível. A obra de Bernard Lahire - *Retratos Sociológicos*, não citada diretamente, poderia estar aqui facilmente representada, por dialogar perfeitamente com a concepção do mundo social, apresentada no capítulo. Sua referência aparece somente na bibliografia em um artigo intitulado *O Homem Plural*, mas provavelmente por sua maior importância no campo da educação, o autor tenha sido negligenciado, neste capítulo. Já Erving Goffman, com sua obra *Frame Analysis*, onde a situação e a subjetividade do indivíduo são os norteadores das pesquisas é largamente comentado por Corcuff. A metáfora do teatro, não tão desenvolvida quanto à perspectiva dos quadros de Goffman, anuncia duas interessantes ferramentas para a investigação do mundo social. A noção de palco e bastidor, importantes ferramentas na pesquisa do autor poderiam ter sido mais elucidadas no livro de Corcuff. A sociologia da

experiência de François Dubet é apresentada como destruidora de uma concepção de sistema e de ator. As pesquisas de Dubet apostam num mundo real, onde as ações de sujeitos reais podem ser apreendidas pelo pesquisador num jogo dialético, que não privilegia atores e sistemas e sim a ligação e a construção de um elo e não de uma ruptura entre eles. Não propõe um pensamento baseado numa elevação teórica que desprenda o indivíduo do mundo, como colocado, em alguma medida no livro. O olhar subjetivo colocado sobre o Eu, não esgota o indivíduo ou o sistema e, sim, os elucida.

Outro ponto que merece ser destacado é a afirmação de uma ruptura existente entre Alain Touraine e François Dubet. Inicialmente cabe questionar a "visão profética" enunciada por Corcuff, sobre a construção do mundo social feita por Touraine, pelo contrário, em seu livro *Poderemos Viver Juntos*, o autor faz uma análise conjuntural que não pretende ser uma filosofia da história tal como colocado. No mesmo livro em capítulo intitulado a *Escola do sujeito*, Touraine chama atenção para a importância de se construir uma escola que privilegie o sujeito e suas especificidades, reforçando a importância da subjetividade, tanto no mundo, quanto nas pesquisas atuais, traço presente também na concepção de Dubet. Portanto, é possível enxergar certa complementaridade entre os dois autores, onde Corcuff vê ruptura.

A noção de *repertório* emerge sob essas concepções, no sentido em que articulam as experiências vivenciadas a uma série de acumulações. As problemáticas do eu múltiplo de Jon Elster; a pluralidade dos regimes de ação (a sociologia dos regimes de ação) de Luc Boltanski e Laurent Thévenot, juntamente com a noção de *competências compartilhadas* formulada por eles; dentre outros autores são exemplos dessa vertente.

Nesta resenha apresentamos algumas reflexões sobre questionamentos suscitados pelo livro *sem a* pretensão de esgotar toda a obra. Realçando pontos que consideramos como mais relevantes, procuramos respeitar a estrutura e objetivo do autor no sentido de traçar um mapa geral desses movimentos teóricos o que consideramos

como bastante louvável. O livro *As novas sociologias* pode se revelar bastante útil principalmente em consultas superficiais sobre os autores selecionados, entretanto para a construção de análises mais aprofundadas, se revela, em alguns pontos, bastante limitado. A partir de algumas divergências e ausências me proponho aqui a realizar um exercício de construção de uma sociologia argumentativa, que pretende levantar questionamentos e relativizar pontos de vista. Seguindo, em certa medida o próprio Corcuff os pontos de discordância devidamente justificados ressaltados tem o intuito de contribuir para uma leitura mais crítica do livro.

Camila Moura
Mestranda, PUC-Rio